

ASSIGNATURAS

SEMESTRE.....	5\$000
TRIMESTRE.....	2\$500
NUMERO AVULSO.....	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO

RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 9 de Setembro de 1903

N. 24

Ferreira de Araujo

Si para traçar o mappa do seo intellecto originalissimo preciso fosse penosa viagem atravez da sua vida, bastaria assentar a prancheta no centro dessa famosa officina da imprensa brasileira, cujo producto por ahi corre, mundos em fóra, com o nome suggestivo de — *Gazeta de Noticias*.

E cada visada certo penetraria reconditos estranhos, onde o poder intellectual do Mestre assignalou um traço profundo da sua tempera vigorosa, entre passagens de verdadeiras conquistas radiantes.

...Que do dia em que se iniciou a publicação do popular diario, desde esse mesmo dia o seo auctor se identificou com a sua propria obra, e essa obra foi o producto exclusivo do seo proprio auctor...

E' que Ferreira de Araujo era a geographia physica e politica, senão a astronomica, daquelle mundo intellectual que ha 20 annos constélla a nossa Patria e por onde têm atravessado tantas gerações luminosas de Eleitos.

Fakir original, possuindo o segredo exclusivo dessa Magia com que soube arrastar para a sua officina uma popularidade-romaria até hoje não secundada por outra empreza do genero, o Grande Operador da intelligencia humana durante essa longa jornada teve a ventura de se fazer impôr como uma Nota Modelo no jornalismo brasileiro.

Não havia um ramo do conhecimento humano que não sahisse da sua penna gloriosa transformado em palma de victoria jornalística.

Jornalista fecundo, typo de Jules Valés e Villemessant, na economia da phrase e na característica popular ao alcance de todas as intelligencias, Ferreira de Araujo, abordando com a maior proficiência e criterio os assumptos os mais delicados e espinhosos foi, na accepção verdadeira, a maior gloria do nosso jornalismo, nestes ultimos tempos.

Naquelle paiz do Trabalho, que á moda Krupp é um Estado Independente dentro da Imprensa de nossa terra, o grande jornalista era umas vezes o operário modelo, era outras vezes o technico insubstitutivel. A sua tenda como a sua forja despediam sombras e raios:—sombras de conforto aos Illuminados, raios de irradiação sobre os sedentos de luz...

Elle possuia um dom de assimilação exquisita, para não dizer que era uma especie de incarnador inconsciente:

—No artigo politico, tempera de Evaristo da Veiga, era por vezes fiel da balança da opinião publica; e embora sem matiz politico definido como o seo precursor, tinha o condão de fazer derivar pela calha de sua penna de ouro a corrente das idéas coetaneas do momento historico.

Outras vezes, com cordoadas de luz azorragava os vendilhões do Templo Politico e fazia suspender a enxada dos coveiros da Patria.

Em seguida, era o artigo nacional modelado em Octaviano Rosa, rememorando as nossas glorias, o nosso passado, os nossos homens, o nosso futuro esplendente. E com que unção de patriotismo, e com que *locus de amor e esperança* falava elle dos destinos de nossa Patria, dos nossos bemfeitores, da nossa mocidade estudiosa, das nossas riquezas naturaes e do nosso pulso vigoroso de americanos?!

Depois, já não era o evangelista da Virtude, o doutrinador da Ordem e do Progresso. Era o chronista do dia, com esse atticismo vivo e mordaz de Joaquim Serra, ora passeando, como um escalpello, a sua penna vibrante sobre a epiderme da sociedade do seo tempo, ora soprando uma tempesta de brilhante de humorismos sobre o pó das pastas ministeriaes, mas sempre com uma habilidade rara, com uma graça inexcedivel e captivante, ferindo sem abrir chagas, fechando a incisura sem deixar cicatrizes.

Mais adiante ainda, era a chronica faceiro, a Wolf, a Rochefort, dos assumptos ligeiros, dos imprevistos e dos escandalos elegantes; neste genero de arte era inimitavel; era o meigo sonhador de estrellas offuscantes de magnolias embriagadoras; a musica da sua phrase era um devaneio opiante, e cada trecho de arte era um bazar d'Alegeria com especiarias d'esthetica finissimas e transparentes.

O seo humorismo, todo cheio de vivacidade e subtilesas, feria mais cor a ponta de uma reticencia ou com a mystificação de um paradoxo ou com um trocadilho feliz, do que se fosse todo um capitulo de moral ou de blasphemias.

A sua critica mundana, os seus estudos de arte, a sua noticia sensa

cional, os seus epigrammas tinham por vezes o aspecto de clavos demolidos; eram outras vezes verdadeiros porticos de estylo e de ensinamentos.

Ferreira de Araujo fez da *Gazeta de Noticias* uma potencia intellectual de primeira ordem.

Em idioma portuguez, só Pinheiro Chagas, como jornalista na sua accção verdadeira, saberia collimar a estatura do Mestre Brasileiro.

Penna divina! Mestre Glorioso! Annos que se vão, e reps de lucto permanecerão sobre a tua tenda de trabalho!

DOMINGOS NASCIMENTO

ATTRACÇÃO

C...

*Si quizeres medir a força estranha,
Que sobre mim tu tens, doce querida,
Ordena-me que morra e eu deixo a vida,
Como aquelle que assim ventura apanha.*

*Tão grande é esse poder, força tamanha
Teos olhos sobre mim têm garantida,
Que basta te avistar p'ra ver perdida
A energia moral que me acompanha.*

*Outros julguem-me em tal suggestionado,
Somnambulo do Amor, ou escravizado
Ao poder de um fatal encantamento.*

*Mas eu, que adoro tudo o que é sidereo,
Prefiro não fugir jamais do imperio
Que ao teo olhar jungio meo pensamento.*

GONÇALVES FERRO

DO MEU ALBUM

Vou contar-te, querida, uma das minhas phantasias; mas como sei que tens espirito e gostas de rir as veses, embora d'essa maneira angelica e adorabillissima dos Seraphins, peço-te de antemão que me acredites, tomando muito ao serio o que vou referir-te.

Demais, phantasiar é um attributo innocente e consolador da nossa imaginação.

E' assim que, não sei porque, sempre que te contemplo e enlevo-me na tua peregrina e candida formosura, vem-me a mente a recordação de minha infancia e com ella a das historias de fadas e encantamentos que me contavam as tremulas velhinhas que conheci.

Oh! bons tempos esses que se foram já na ampulheta da vida, e em que a imaginação infantil ductilisada pelos contos simples, enredados de gigantes e varinhas magicas, se librava tão facilmente ao alto, nas regiões phantasticas dos sonhos azues e impressionativos.

E' talvez por isso que eu venero tanto as velhitas tremulas e de cabeças nevadas, essas doces e carinnosas reliquias de uma geração romantica, quase desaparecida.

E ao ver-te o semblante mimoso e meigo, aureolado dessa innocencia immaculada dos lirios, sou levado pelos vôos de minha imaginação a lembrar-me das historias que ouvi na meninice, comparando-te com a bôa e linda fada protectora dos castos amores, contrariados e perseguidos por um gigante rancoroso e perfido, no indigno empenho de roubar para si a princesa amada.

Parece-me ainda ouvir narrar as velhitas simples, n'uns rythmos canclenciosos, as tramas, astucias e encantamentos que o Genio do Mal punha em pratica, mas sempre felizmente desfeitos a tempo pela bôa fada protectora, linda fada dos amantes.

Meo pensamento retrocede de vinte annos para mostrar-me essas historias que tanto me interessavam, e que, se fasiam-me tremer nos tranes perigosos, fasiam-me, em compensação, sorrir sinceramente commovido alegre ás passagens em que a virtude e a candura eram premiadas.

Esses contos, como tudo que é producto do cerebro humano, não são de todo faltos de senso, por isso que são no fundo o espelho da vida, com o cortejo de amarguras, triumphos, perfidias e venturas.

E eu guardo ainda, instinctivamente, um certo receio do Genio do Mal, al como nas historias que ouvi na minha infancia.

Elle ainda existe, o dragão insaciavel, desfarçado por ahi sob diversas formas, seductor, insinuante e doloso como o é na sua essencia de hyporita.

Em compensação ahi estás tambem tu, adorada, como a bôa Fada do bem para prostral-o e humilhal-o com o poder de teos olhos magos e com o condão que tem a apposição fluidica de tuas pequeninas mãos de princesa de reinos encantados.

E' por isso que as passagens tristes das historias escôam-se-me rapias pela lembrança, substituidas como o são logo pela benefica influencia do teu encantamento.

Vê bem, querida, não te rias dos meos devaneios. Olha que esses contos são o reflexo da vida, e senão, consulta as velhinhas tremulas, essas dôces e piedosas reliquias de uma geração romantica quasi desaparecida hoje. Consulta-as e verás se não tenho rasão. Verás se não devo considerar-te como a minha bôa fada protectora, encantando-me ao poder fluidico de teos olhos. Pois não foste tu que me livraste das garras desse gigante iniquo que me ia envenenando e amortalhando o coração no sudario da Descrença?!...

VEIGA JUNIOR

Musica da Morte

A musica da Morte, a nebulosa,
Estranha, immensa musica sombria,
Passa a tremer pela minh'alma e fria
Gela, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,
Léthes sinistro e torvo da agonia,
Recrésce a lancinante symphonia,
Sobe, n'uma volupia dolorosa...

Sobe, recresce, tumultuando a amarga,
Tremenda, absurda, imponderada e larga,
De pavôres e trévas allucina...

E allucinando e em trévas delirando,
Como um opio lethal, vertiginando,
Os meus nervos, lethargica, fascina...

CRUZ E SOUZA

(Dos *Pharóes*)

UNS OLHOS

Eu já amei uns olhos côr da noite
Que tinham para mim tanta doçura
Como as phrases repletas de ternura
De um coração que vive só de amor!
Olhavam-me serenos, bonançosos,
Fallavam na mudez que tanto encanta,
Que eu revia-me nelles como em santa
Doce contemplação, santo fervor!

E agora que p'ra sempre se apagaram
Aquelles dois luseiros esplendentes,
Agora que não vejo mais fulgentes
Os sóes que me aclararam o viver,
Eu passo como o cego pela estrada,
Se acaso existe luz eu não a vejo,
Mora alem, muito alem o meu desejo,
Eu tenho p'ra alcançal-o, de morrer!

A IDEALISTA

Rio Grande.

IMPRESSÕES

Quem ha por ahi que não ame as flôres, esses pequeninos sellos do Amor? Qual o temperamento hysterico ou rebelde que não se sente dulcificado e tranquillo ante a harmonia thuriferada de um jardim farto e bem cuidado? Ah, certamente nenhum.

Seria necessario não ter nervos, não possuir um coração, e ter a indifference algida das pedras. Por minha parte confesso que nada me extasia tanto e me enleva como esses pequeninos pedaços de alvoradas, fragmentos do azul dos céos, com seus noivados de luz e perfumes.

O proprio jardineiro do Olympo parece embevecer-se as vezes com a sua obra, contemplando-as lá do Azul, pelo monoculo de Phebo. Ah, que se a musica das flôres fosse ouvida por mais alguem que não as phalenas e os colibrys, onde iriam parar as symphonias do preconisado engenho do homem! Decididamente deve ser nas minusculas conchas de suas corollas que Deus collocou o segredo dos perfumes e a essencia do pudor.

Como eu vos quero, meigas irmãs da alma de minha amada, com eu vos adoro a vós todas, pequeninas filhas do Amor!...

E' na alvura e no setim dos lirios e das açucenas que eu vejo a imagem fiel da sua epiderme; é nas alvoradas das rosas que eu vejo o tom delicado das suas faces; é no carmim das cravinas que eu vejo ainda o rubor de seus labios; é tambem no negro e sedoso amor-perfeito que eu vejo a nota de seus olhos; é finalmente no aroma dos jasmims que eu aspiro a suavidade e dulçor de seu halito.

Vinde, pois, a mim, dilectas filhas do jardineiro do Olympo, vinde a mim para que eu vos beije e vos acaricie, insinuando me na quintessencia do Amor e da Poesia!

Quero ser sempre vosso amigo, porque sois vós que reflectis com mais fidelidade todos os traços de minha amada. Oh, que sejais eternas na superficie da terra, formosas e sublimes reliquias de um paraíso perdido.

GAMA D'AVILLA

—*—*—*—*—*—*—

NOTAS

Felizardo Arthur de Azevedo!

Bem te cabia agora o primeiro nome; tanto choraste, tanto maldixeste a tua sina, que afinal tiveram tanta pena de ti, que te jogaram lá para o outro mundo...

E á esta hora lá vaes de bordo, contemplando mares e ilhotas, caminho de Europa, rumo de Pariz, destino dos boulevards... Felizardo Arthur, desavergonhado Eloy!

Deixaste a vergonha para um canto e cantaste direito a buena-dicha nos ouvidos dos teos patrões. Querias ir á Exposição Universal: e as tuas chronicas eram uma lamuria eterna, um queixume de fazer chorar as pedras. Viste o Valentim montado na *Educadora*, rumo de França; viste qualquer leguelhé, com fumaças de litterato, de mala feita para a torre Eiffel, e ninguem se lembrou de ti, ninguem!...

Era de mais! perder tão bella occasião de ver a grande feira do mundo, que desastre, que injustiça!

Afinal, quem não chora não mama... E queres saber porque estou me rindo de ti? E' porque tu, meo adoravel chronista, vaes á esta hora, todo ufano, caminho do Trocadero, ao passo que eu d'aqui a pouco, sahindo do escriptorio d'*A Pagina*... estarei caminho de casa.

Não assim o meo adoravel Emiliano Pernetta das *Chronicas de Paris*, escriptas de Curitiba...

E' o caso que o glorioso artista, ralado de despeito por ver tanta gente boa perambulando os salões da Exposição, ao passo que elle anda ahí a palmitar a lama da capital paranaense, sem ter quem se lembre de aproveitar os seus nervos exquisitos, os seus olhos penetrantes e a sua penna de crystal, se resolvera escrever de Pariz, custasse o que custasse.

Foi então que atirou de uma vez o seu espirito lá para as bandas do Sena, alugou uma agoa furtada de sexto andar, assestou a sua banca de trabalho e zás! toca a ver Pariz... por um oculo.

Sempre novo este Emiliano!

O' Pernetta, quando vieres de Pariz, traze-me o cheiro ao menos, ouviste?

O nosso illustrado collega Horacio Nunes, teve a gentileza de nos enviar delicado convite para assistirmos ao espectáculo organizado por um grupo de amadores, em beneficio da Associação de S. Vicente de Paula, a realizar-se em a noite de 7 do corrente.

Nunca fui pelo antigo regimen, mas, confesso, tenho saudades daquelle dia 7.

Desde que me nasceram os dentes já se dizia a republica pelas esquinas, e desde então não quiz saber de reis. Mas, deixem lá falar,—era um gostinho vel-os de grande gala, por occasião do beija-não.

Carruagens de ouro com aperamentos de prata, papos de tucanos, mantos verdes bordados, calções escarlates, sapatinhos de polimento, o sceptro, a corôa, os cavalheiros de casacas agaloadas, as damas de honor em decote, olhar bregeiro, riso faceiro. Depois, aquella bateria no morro de Santo Antonio, aquellas fortalezas de papelão no largo do Rocio, cercando a estatua equestre, aquella arvorada de todas as bandas marciaes, todos os clarins, todas as cornetas, todos os tambores, todos os pifaros da guarnição—um inferno atroador!

E depois digam lá se os *decahidos* não hão de ter saudades daquelles celebrinos tempos; si até eu gostava da troça...

O operoso escriptor paranaense e magnifico estheta dos *Bronzes*, Julio Pernetta, pamphletario ardoroso e o mais forte d'entre os cavalheiros da Liberdade Espiritual, acaba de publicar mais um folheto de combate que intitulou—*Epistola*.

Nesse trabalho feito com extraordinaria elevação de vistas, Julio Pernetta mais uma vez revelou a grandesa do seu espirito sadio e independente, em lucta aberta contra o encarceramento da Consciencia.

Essa *Epistola* é em resposta á *Pastoral* da Diocese, a proposito da suspensão de ordens ecclesiasticas ao padre Gaudinière, que ha' tempos se rebellára, mas que se julga com o direito de, em face da Constituição da Republica, exercer livremente a sua profissão.

O distincto pamphletario apanhou o assumpto para escrever um folheto de propaganda liberal, digno da mais curiosa leitura.

LEO-LINO